

PRESS RELEASE

Do pessimismo excessivo ao otimismo excessivo **- Barómetro Coface Q4 2022-**

Lisboa, 10 de fevereiro de 2023 - O ano de 2023 começa com boas notícias na frente macroeconómica. Em primeiro lugar, a Europa evitou uma recessão que parecia há muito prometida. Os ganhos de eficiência e o abrandamento da atividade levaram a uma queda acentuada dos preços da energia e, conseqüentemente, a um bem-vindo abrandamento da inflação. Finalmente, a perspectiva de uma recuperação na China no segundo semestre do ano, embora muito incerta, também suscita esperanças para a economia global. Isto foi suficiente para os mercados financeiros reagirem, tranquilizados pelo facto do pior cenário estar, por enquanto, à distância.

Embora concordemos fundamentalmente, temos de ter o cuidado de não nos tornarmos complacentes. Os desafios enfrentados pela economia global no ano passado continuam a ser relevantes e a crise multidimensional que estamos a viver não está prestes a desaparecer: fragmentação geopolítica, crise energética, alterações climáticas, riscos epidémicos... A transformação do mundo está a acelerar e a gerar riscos que poderão fazer descarrilar os melhores cenários.

Neste contexto, as avaliações de risco da Coface mudaram apenas ligeiramente, com 5 alterações para os riscos país e 16 para os riscos sectoriais. Em termos líquidos, a tendência continua a ser para a revisão em baixa dos níveis de risco.

A recessão retrocede, a estagflação instala-se

O ano 2022 terminou com uma nota económica positiva. Temperaturas amenas e reservas substanciais de gás eliminaram o espectro do racionamento forçado para a Europa neste Inverno e as economias europeias deveriam assim evitar uma forte contração da atividade. Isto levou a Coface a manter inalterada a sua previsão de crescimento global para 2023 em 1,9%. O nosso cenário de estagflação nas economias avançadas e a resiliência global dos países emergentes também foi confirmado.

Esta continuidade reflete-se nas nossas avaliações de risco: apenas 3 países e 10 sectores são revistos em baixa neste trimestre, depois da revisão de 95 países em junho de 2022 e mais de 50 países em outubro de 2022. Entretanto, a Coface também reviu positivamente as avaliações para a Índia e Burundi, e seis avaliações sectoriais, principalmente na indústria automóvel, graças ao abrandamento gradual das tensões nas cadeias de abastecimento.

Rumo a uma diminuição (mecânica) da inflação na primeira metade de 2023

Enquanto o aumento dos preços da energia esteve na origem do pico dos preços ao consumidor nas economias avançadas, a sua moderação levou a um declínio mecânico da inflação no final de 2022. A inflação parece assim ter ultrapassado o seu pico na zona euro. Este é também o caso dos Estados Unidos, onde atingiu 6,5% em dezembro, depois de ter atingido um pico de 9,1%. Para além da moderação dos preços das mercadorias, a queda da inflação é também atribuída à menor contribuição dos bens. O abrandamento da inflação deverá continuar no primeiro semestre de 2023, simplesmente devido a efeitos de base, na medida em que os preços das mercadorias permanecerão abaixo dos níveis registados no ano anterior.

Neste contexto de relativa resistência na atividade, os mercados de trabalho continuam a mostrar resiliência, com níveis de desemprego ainda historicamente baixos. A taxa de desemprego continuou mesmo a cair no final de 2022 na zona Euro, mantendo-se no seu nível mais baixo desde há mais de 50 anos nos EUA (3,5%), e subiu apenas ligeiramente (de 3,5% para 3,7%) no Reino Unido. Esta resiliência poderia continuar na primeira metade de

2023: as empresas, tendo enfrentado dificuldades de recrutamento historicamente elevadas em 2022, podem ser tentadas a manter os seus trabalhadores, apesar de uma procura fraca, enquanto esperam pela retoma da atividade.

Os riscos para a economia global mantêm-se

As perspetivas para a economia global permanecem sombrias para 2023, num ambiente que permanece, simultaneamente, arriscado e incerto. A principal fonte de preocupação é a trajetória da inflação. Enquanto uma tendência desinflacionista parece estar em curso, a questão crucial da sua estagnação mantém-se. O cenário de um regresso ao objetivo de 2% estabelecido pelos bancos centrais nos países avançados não foi completamente esquecido, mas a possibilidade de a inflação estabilizar num nível mais elevado está a aproximar-se. A diminuição da inflação esperada na primeira parte do ano poderia ser interrompida antes de atingir os níveis visados pelas autoridades monetárias, e não se pode excluir um ressurgimento da inflação na segunda metade do ano.

A recuperação na China é também uma fonte de incerteza. A atenuação das restrições contra a COVID-19 no país deverá conduzir a uma recuperação do consumo chinês. Mas, como a súbita reabertura foi acompanhada por um surto de infeções, a recuperação deverá ser gradual. A normalização da atividade poderia assim começar no final do primeiro trimestre de 2023 e uma recuperação mais firme deveria ter lugar no segundo semestre do ano, criando as condições perfeitas para uma nova tempestade na frente energética e, conseqüentemente, na inflação.

As reavaliações sectoriais estão de volta

As nossas avaliações sectoriais pouco mudaram em comparação com os últimos barómetros. Contudo, apesar de existirem poucas alterações negativas, decidimos também fazer algumas atualizações que refletem a melhoria relativa no nosso cenário económico. Estas atualizações encontram-se no sector automóvel do Médio Oriente, onde a procura permanece forte. Na Índia, a melhoria da situação económica do país levou a uma reclassificação da avaliação de risco do país.

Algumas empresas em sectores anteriormente considerados resilientes – as TIC e as farmacêuticas - estão também a passar por dificuldades. As questões estruturais que as empresas farmacêuticas enfrentam na Europa estão a tornar-se mais acentuadas, em parte como resultado da crescente pressão sobre as finanças governamentais. As empresas de TIC estão a ser "apanhadas" pela situação económica global e permanecem no centro das tensões comerciais entre a China e os Estados Unidos.

Por fim, a Europa Ocidental é, mais uma vez, a região com o maior número de desqualificações sectoriais (5 em 11 no total). Embora as perspetivas a curto prazo pareçam menos sombrias, é evidente que ainda não é tempo para atualizações.

CONTACTOS MEDIA

COFACE PORTUGAL

Cláudia Mousinho: +351 211 545 400 – claudia.mousinho@coface.com

COFACE: FOR TRADE

Com 75 anos de experiência e a mais extensa rede internacional, a Coface é uma líder em seguro de crédito e serviços especializados complementares, incluindo o Factoring, a Recuperação de Créditos, Single Risk e os Serviços de Informação. Os especialistas da Coface trabalham ao ritmo da economia mundial, apoiando 100.000 clientes, distribuídos por 100 países, na construção de negócios dinâmicos e de sucesso em todo o mundo. Os serviços e soluções do Grupo reforçam a sua capacidade de venda, protegendo-as contra os riscos de não pagamento, tanto no mercado doméstico como na exportação. Em 2021, a Coface empregou 4.538 pessoas e registou um volume de negócios de €1.57 bilião de euros.

Para mais informação, visite [coface.pt](https://www.coface.pt)